

A REINVENÇÃO DA ESCOLA: DO CHÃO DA ESCOLA PARA À TELINHA DE CADA CASA.

RELATO DE GESTORAS DA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Cristina Ramos da Silva – PUC SP

cristinasomar2010@hotmail.com

Cristina Rosa David Pereira da Silva – PUC SP

cris.rosadavid@hotmail.com

As aulas presenciais foram suspensas no dia 23 de março de 2020, quando o governo do Estado de São Paulo antecipou o período de férias e recesso escolar para minimizar a propagação do novo coronavírus. Todas as escolas suspenderam as aulas presenciais e imediatamente agiram para dar continuidade aos estudos por meio de aulas com recursos remotos.

Pensar a escola para cada casa foi, de fato, uma tarefa muito difícil para os professores e para nós, gestoras de escolas voltadas à educação da infância. Nós, que sempre nos colocamos contrárias ao excesso de telas para as crianças, tivemos que entender o que, naquele momento, era possível de ser feito. "A experiência das irrupções do inesperado na história penetrou com dificuldade nas consciências. A chegada do imprevisto era previsível, mas não sua natureza", escreve o filósofo francês Edgar Morin (2020).

Escolas e professores se mobilizaram, as aulas remotas nem sempre funcionavam, por falta de acesso, deficiência tecnológica ou por outros motivos. No Brasil, as escolas são um local essencial também para alimentação e saúde das crianças, lugar em que se concentram problemas pedagógicos, que podem acarretar atrasos e variadas dificuldades. As famílias tiveram que assumir as questões de acompanhamento educacional e conciliar com trabalhos cotidianos, oriundos da rotina de cada casa e, ainda, do trabalho em *home office*.

Para nós, não foi diferente. Houve um processo de adaptação das práticas, que exigiu uma nova organização, outros documentos, mudança de currículo, de planejamento, de metodologia. De uma semana para outra nos vimos dentro da casa de cada aluno. A cada semana íamos reorganizando a maneira como tudo acontecia, escutando pais, alunos e professores. O processo foi gradativo e colaborativo. Sem ouvi-los, com certeza, não teríamos chegado a uma melhor organização. Paulo Freire

(1997) afirmou: “não é possível praticar sem avaliar a prática [...]. A prática precisa de avaliação como os peixes precisam de água e lavoura da chuva”. Essas ideias nos auxiliaram e conseguimos prosseguir porque a avaliação estava a todo momento em nossas ações.

A avaliação, nessa perspectiva, deverá encaminhar-se a um processo dialógico e cooperativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmo no ato próprio da avaliação (...). É urgente encaminhar a avaliação, a partir da efetiva relação professor e aluno, em benefício à educação do nosso país, contrapondo-se à concepção sentenciosa, grande responsável pelo processo de eliminação de crianças e jovens da escola. (HOFFMANN, 1999).

Ao longo dos meses, avaliamos a necessidade cada vez maior do acolhimento das famílias, dos professores, dos alunos e trabalhamos firme nesse sentido. Elaboramos encontros com os professores para relatos de práticas, momentos em que foi possível dividir as ações que estavam funcionando bem, trocar experiências entre eles e praticar mais a escuta ativa. “Escutar não é fazer as vontades da criança, e sim reconhecer que ela tem necessidades que nem sempre é possível atender”, diz a antropóloga Adriana Friedmann (2011). Também foram feitas paradas obrigatórias para a conversa informal acontecer de modo virtual e tudo isso ajudou muito a equipe a manter os professores mais confortáveis diante de um cenário tão desafiador que vivíamos dia após dia.

Acolher as famílias foi, sem dúvida, nossa grande missão. Disponibilizamos canais de escuta, retornos mais rápidos, apoios que julgamos necessários no momento, assim como devolutivas do processo de aprendizagem dos alunos e do nosso processo de construção de uma escola com um ensino remoto.

Quase no final de 2020, o governo de São Paulo anunciou a possibilidade de as escolas retornarem a seu funcionamento presencial apenas com o acolhimento de atividades diversificadas (atividades de acolhimento, atividades de reforço em alfabetização, atividades de reforço para ensino fundamental de língua portuguesa e matemática, atividades extracurriculares – aulas com especialistas: Ballet, Educação Física, Artes etc.).

Nosso trabalho ainda foi se estruturando à medida que acontecia e avaliávamos semanalmente, junto aos professores, alunos e pais, o que fez toda a diferença no processo que estávamos construindo. Nosso tripé foi: roteiro dos professores –

orientações em relação a competências, habilidade, mediação e registro, semanalmente aos alunos; documento organizativo e do currículo: para as famílias e para validação do nosso trabalho; contato – Escola Aberta: comunicação diária com as famílias, contato pré ou pós aula do professor com o aluno, videoconferências sempre que necessário.

Nosso trabalho se iniciou com a construção dos roteiros de atividades para cada classe, que ao longo dos dois primeiros meses sofreram mudanças, ajustes, até que todos compreendessem e se sentissem confortáveis com o modo de disposição e organização. Além das aulas ao vivo e gravadas, mantivemos alguns eventos por meio remoto, como o Festival Esportivo, Dia Literário, Mostra Cultural, Sarau Literário, Mostra *Maker*. Essas atividades, que estavam programadas para acontecerem presencialmente, foram transformadas e realizadas em modo remoto para que toda a comunidade da escola pudesse participar.

Avaliamos que, conforme as aulas estavam acontecendo, os professores viram a necessidade de um apoio mais próximo a alguns estudantes e famílias: reforço escolar via remoto, apoio para organização antes da aula, apoio às famílias para conhecerem os meios digitais que os alunos estavam utilizando ou qualquer outra necessidade. Esse trabalho aconteceu por meio de ligações por vídeo, de ligações telefônicas, de vídeos de tutoria preparados pelo colégio.

No início deste ano de 2021, com o retorno às aulas presenciais no Estado, pudemos criar os devidos protocolos de cuidados e atenção à situação vivida. Poderíamos receber as crianças cujas famílias autorizassem seu retorno até o total de 35% da capacidade máxima de alunos. Para isso, foi previsto um rodízio entre os alunos e a manutenção de um sistema híbrido, reunindo o ensino presencial e o ensino remoto. De acordo com o governo, há 13,3 milhões de alunos em todo o sistema de ensino no Estado, por isso o retorno atenderia ao retorno deles em etapas, o restante acompanharia o conteúdo nas plataformas digitais.

Avaliamos o processo vivido em 2021 e, assim, reorganizamos a matriz curricular no que se refere aos objetivos, aos conteúdos, às propostas de atividade e às formas de avaliar. Os professores se reinventaram, acompanhando alunos no modo presencial e no modo remoto, em casa. Como atender a esses dois tipos de ensino ao mesmo tempo, respeitando o tempo necessário de cada aluno nos dois modos de

aprender? Para isso, foi necessário rever o tempo das aulas, enviar um kit de materiais para casa para que os alunos pudessem efetivamente participar de todas as atividades programadas, repensar como avaliar essas atividades e ter a garantia de que os alunos estivessem aprendendo.

Nosso trabalho girou em torno das experiências que os alunos puderam ter via remota, bem como das interações possíveis. As atividades foram organizadas para que os alunos pudessem pensar, refletir sobre os assuntos, investigarem o que estavam pesquisando, resolver de modo autônomo as situações que iam surgindo. Trabalhamos também com projetos interdisciplinares, nos quais os alunos puderam pesquisar, mostrar os caminhos percorridos e avaliar seu processo de aprendizagem.

Desde o início do ano, estamos trabalhando de modo remoto e presencial, o que nos leva a um ensino híbrido, como um modo de trabalhar de formas diferentes ao mesmo tempo. A tarefa não é fácil, mas os alunos estão avançando em seu processo de aprendizagem. Muitos estão vindo para a escola no modo presencial e fazendo rodízio, o que para eles já faz uma diferença muito grande nesse período.

Além da escuta e da participação dos professores, outro aspecto fundamental para um plano de volta às aulas foi a construção de uma articulação entre áreas e esferas de governo, para que as ações fossem, ao mesmo tempo, coesas e preservassem a autonomia.

Ressignificar é atribuir um novo sentido a acontecimentos por meio da mudança da nossa visão de mundo e, se o mundo inteiro mudou diante de um cenário inédito – a pandemia – resignificar a volta às aulas levou-nos a entrelaçar os espaços da escola aos da família. Escutá-los ajudou a dar sentido a todo esse período transcorrido e acolhê-los possibilitou o entendimento das novas formas de se relacionar, a importância da corresponsabilidade e das relações pautadas na afetividade e no diálogo.

A família, a escola e os alunos lutaram, disponibilizaram-se, reinventaram-se e deram conta de fazer acontecer o ensino a distância. Todos unidos merecem reconhecimento por conseguirem agir de maneira tão distinta em tão pouco tempo. A volta às aulas presenciais continua desafiadora, também para impedir que ela seja indiferente ou apática, por isso queremos compartilhar algumas sugestões que

permitem à escola estar emocionalmente preparada e abastecida para promover, além do desenvolvimento intelectual, acolhimento e saúde mental.

Reconhecer o quanto os nossos profissionais se reinventaram, venceram barreiras desconhecidas e fizeram o ensino remoto acontecer, de forma tão brilhante, é um dos primeiros passos para ter uma equipe emocionalmente saudável. Também é imprescindível *proporcionar* espaços de troca em um ambiente que promova a comunicação assertiva, a empatia, a valorização da coletividade, a reflexão sobre cada história, a partilha de práticas e a socialização de aprendizados, além de oferecer recursos que possibilitem a formação de todos e o cuidado de cada um. Confirmamos que, mesmo com todas as mudanças, a resistência ao estresse pode ser fortalecida se houver momentos de escuta empática. Ela representa a comunicação efetiva e é um dos segredos para relações interpessoais saudáveis e duradouras. O processo de retorno às aulas é complexo e exige uma ampla análise e um amplo debate sobre quando será o melhor momento para as ações regulares acontecerem e de que maneira poderá se dar, para garantir de forma segura a saúde e a vida de milhares de pessoas.

Com os protocolos apresentados pelo governo, as escolas tiveram que cumprir uma série de medidas para evitar o contágio entre alunos e funcionários, como: distanciamento obrigatório de 1,5 m entre as pessoas; uso de máscaras; organização de horários de entrada e saída dos alunos para evitar aglomerações; intervalos e recreios feitos em horários alternados, com revezamento de turmas; atividades de Educação Física realizadas mediante cumprimento do distanciamento de 1,5 m, preferencialmente ao ar livre. Também não poderia haver realização de feiras, palestras, seminários, competições esportivas e assembleias. Esses foram pontos destacados por Alessandro Santos, consultor técnico na Câmara Municipal de Educação de São Paulo e ex-professor da rede municipal de São Bernardo do Campo (SP). “Nesse processo de planejamento para o retorno, a gestão central não vai conseguir pensar em todas as escolas, em todos os territórios. A gente precisa entregar a autonomia para as unidades educacionais para desenharem as soluções que cabem em cada contexto a partir das orientações centrais”, ponderou. “Mas é importante entregar às escolas autonomia com suporte, com recursos, com acompanhamento, com assistência técnica”, finalizou.

Sabemos que a continuidade no ensino é pauta e preocupação constante dos educadores, como mostra o portal “Todos pela Educação”, que apresenta uma lista dos maiores desafios da volta às aulas: impacto emocional nos alunos e profissionais da Educação; abandono e evasão escolar; retorno gradual com precauções com a saúde; cumprimento da carga horária exigida por Lei; avaliação diagnóstica e recuperação da aprendizagem; comunicação frequente com os pais e responsáveis; articulação entre instituições locais que impactam a política educacional; contextualização das ações no nível da escola; atendimento intersetorial como esforço perene; institucionalização de políticas de recuperação da aprendizagem; fortalecimento da relação família-escola; tecnologia como aliada contínua.

A pesquisa realizada em maio de 2020 pelo Instituto Península identificou que a maior parte dos professores estavam se sentindo ansiosos, sobrecarregados, cansados, frustrados e quase 50% dos entrevistados relataram diminuição da aprendizagem dos alunos como efeito da suspensão das aulas presenciais. Sendo assim, queremos ressaltar o quanto a educação socioemocional é de extrema importância neste período para que a volta às aulas seja o mais saudável possível e, com isso, trazer um olhar de ressignificação.

Essa reinvenção só foi possível diante do olhar esperançoso que cada pessoa envolvida com a educação possibilitou. Entretanto, é sabido que estamos exaustos por vivenciarmos tantas incertezas e não sabermos quando o cenário irá se firmar. Sabemos, no entanto, da extrema importância de trazer esse novo olhar.

Há um consenso crescente entre os cientistas de que é possível os alunos voltarem às escolas, desde que haja medidas de precaução para lidar com os riscos de contágio pelo vírus, a questão é como fazer isso. No Reino Unido, mais de 1.500 pediatras assinaram, em junho, uma carta aberta manifestando preocupação com a ausência dos alunos das escolas. Clinicamente, a maioria dos jovens foi poupada dos piores efeitos da Covid-19, mas o impacto social e na saúde será severo.

Esta não poderá ser a volta às mesmas aulas a que estávamos acostumados antes da pandemia. A proteção dos alunos e, sobretudo, das equipes envolvidas na educação, exige precauções que transformam o ensino. Ao mesmo tempo, os riscos podem ser mitigados, mas

não eliminados. Paira o fantasma de que, a qualquer instante, novos focos de contágio acarretem outra suspensão.

Que essa volta às aulas de maneira presencial será desafiadora, todos sabemos. Ela já está sendo. A preocupação dos gestores deve ser de que a escola esteja emocionalmente preparada e abastecida para promover, além do desenvolvimento intelectual, acolhimento e saúde mental. A comunicação objetiva, acolhedora e transparente é fundamental para fortalecer os vínculos e estreitar as relações. Sabemos que, com todas as mudanças, o limiar de resistência ao estresse pode estar menos sólido e, por isso, é um momento de treinar a escuta empática. Mostrar que a escola está preparada no quesito segurança e saúde tende a diminuir a ansiedade que, na maioria das vezes, deve-se ao fato de todos estarem vivenciando algo totalmente desconhecido. Mostrar preparo também ameniza o medo das famílias, pois elas saberão que todos estão prontos para fazer com que os estudantes fiquem bem.

Afinal, a educação é uma grande responsabilidade social, como muito oportunamente resgatamos no pensamento da filósofa Hannah Arendt (2011. p. 247):

[...] A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos.

Finalmente, chegamos aos nossos educandos, motivo maior pelo qual nos preparamos e preocupamos tanto. Eles também se reinventaram na maneira de aprender e realizar tarefas e, possivelmente, estão saudosos de trocas com os colegas no ambiente escolar. Escutá-los vai ajudá-los a atribuir significado a este período, a entender as novas formas de se relacionarem, a importância da corresponsabilidade e das relações pautadas na afetividade, no diálogo e na prática constante da gratidão.

Referências bibliográficas

ARENDR, Hannah. A Crise na Educação. *In*: ARENDR, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRIEDMANN, A. História do percurso da Sociologia e da Antropologia da Infância. **Revista Veras**, América do Norte, 1, dec. 2011.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. 26ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MORIN, Edgar. **Tracts de crise** (Folders de crise). Editora Gallimard. 2020.

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/06/24/retorno-as-aulas-sao-paulo.htm>

<https://www.apufsc.org.br/2020/07/13/o-dilema-da-volta-as-aulas/>

<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Volta-as-aulas-no-contexto-da-Covid-19-E-preciso-escutar-os-professores>

<https://escoladainteligencia.com.br/volta-as-aulas-pos-pandemia/>

<https://www.happierhuman.com/empathic-listening/>